



Eventos extremos, problemas perversos, escolhas comprometidas

Ceped / 25 de julho de 2024 / Cidades

Cidades | Demetrio Luis Guadagnin argumenta que a emergência climática é um problema complexo, cuja atenção extrapola os limites da ciência e do mercado

*Foto: Flávio Dutra/JU

Existem desafios intrinsecamente difíceis – problemas perversos, na acepção da teoria geral do planejamento de Horst Rittel e Melvin Webber. O aquecimento global e os eventos extremos que ele desencadeia é talvez o mais perverso deles. Vivemos uma enchente violenta no sul do Brasil, após um prolongado e severo período de estiagem, intercalado por tempestades. Sabemos que a frequência e a magnitude de eventos extremos estão aumentando, aqui e em todos os recantos do planeta. Mas não sabemos qual o próximo evento, onde e quando acontecerá, e quem serão as próximas vítimas.

Sempre é possível imaginar um leque enorme de respostas para os desafios socioambientais, algumas mais viáveis, outras quase ignoradas. Mas aqui também a incerteza impera – todas em alguma medida envolvem riscos e incertezas ambientais, sociais e políticas em temas como a eficácia individual de cada ação, a ignorância ou a imprevisibilidade de externalidades, as interações múltiplas, os efeitos em cascata e as inequidades sociais, a transmissão seletiva e superficial de informações e a imprevisibilidade da dinâmica política.

Uma incerteza ambiental importante é a imprevisibilidade das respostas descontínuas – mudanças abruptas e drásticas nos processos ecossistêmicos e provisão de serviços ambientais quando limiares ecológicos críticos são alcançados, mesmo quando as mudanças são graduais. Quais os limiares críticos de desmatamento, emissão de gases estufa, dragagens, impermeabilizações, barramentos, canalizações, transposições, além dos quais o ambiente em que vivemos mudará radicalmente?

Por exemplo, embora a infiltração da água e a erosão sejam processos contínuos, crônicos, as avalanches acontecem repentinamente quando um limiar de estabilidade do terreno é ultrapassado. O aquecimento dos oceanos é contínuo, mas a formação, extensão e intensidade de tempestades e enchentes é abrupta e difícil de prever senão na sua iminência.

Estes não são problemas mansos, passíveis de resolução por meio das formas convencionais de conhecimento e aprendizado – tradição, 'tentativa e erro' e experimentação. Um problema perverso é inédito, complexo, não tem formulações e soluções tratáveis, envolve conflitos e altos níveis de incerteza – cada tentativa de solução pode causar consequências sociais irreversíveis.

Problemas perversos requerem uma criatividade extra. As respostas não são apenas técnicas ou científicas. A ciência lida com o mundo como ele é, com fatos e probabilidades. As respostas aos problemas perversos envolvem escolhas. Escolhas são necessariamente políticas, por que envolvem juízos de valor e preferências. É a política que lida com o mundo como desejamos que ele seja.

Problemas perversos, seguindo as ideias de Silvio Funtoiwicz e Jerome Ravetz, exigem a construção colaborativa, inclusiva e plural de soluções, para além dos especialistas, autoridades, influenciadores e sedutoras ideias mágicas. Todos os atores precisam compartilhar simetricamente as responsabilidades pelas diferentes consequências possíveis, pelas escolhas e suas incertezas.

Dentre os desafios para essa construção, destaco dois. Primeiro, dispomos no Brasil de inovadores mecanismos de participação social e governança híbrida ampliadas – conselhos, comitês, fóruns, audiências, agências, etc. Tais mecanismos infelizmente têm sido progressivamente corrompidos, à força ou cooptação, para garantir privilégios. Precisamos resgatar os mecanismos de ampliação da criatividade e do compromisso.

Segundo, precisamos superar visões ultrapassadas que ignoram o ineditismo do nosso tempo – as crenças nos poderes supremos da tecnologia e da mão invisível da economia que equivocadamente reduzem as respostas a questões técnicas ou econômicas usuais. A tecnologia é ática. Os mecanismos de mercado são incapazes de detectar a aproximação a limiares críticos e dar conta de mudanças abruptas. A eficácia das respostas depende do fortalecimento de uma governança ambiental plural e de mudanças significativas de mentalidade.

Demetrio Luis Guadagnin é professor do Departamento de Ecologia da UFRGS e pesquisador do Ceped/RS.

Semanalmente, integrantes do Centro de Estudos e Pesquisas em Desastres (Ceped/RS), órgão vinculado à UFRGS, escrevem sobre a cultura de prevenção a desastres para a seção Cidades. A curadoria é de Ana Karin Nunes.

:: Posts relacionados



Reflexões sobre práticas de Gestão de Pessoas no contexto das crises climáticas do Rio Grande do Sul



Apoio geotecnológico nas encostas do Rio Grande do Sul



Equilibrando-se na tempestade: resiliência, resistência, adaptação



Energias renováveis e mudanças climáticas

:: ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 22.08.24



Carta aos leitores | 15.08.24



Desinformação científica é um problema público que atravessa fronteiras



Tecnologia e impactos da energia limpa H2V



Servidores com deficiência nas universidades



Prevalência de Diabetes mellitus em Angola



Adoção da Ciência Aberta no Brasil enfrenta resistências de dentro da comunidade acadêmica



Carta aos leitores | 08.08.24



A importância de recuperar o patrimônio cultural e histórico de Porto Alegre



Resíduos de alimentos podem ser utilizados para produção de embalagens biodegradáveis ativas

INSTAGRAM

Jornal da Universidade UFRGS @JornalDaUniversidadeUFRGS Follow

View on Instagram

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br